

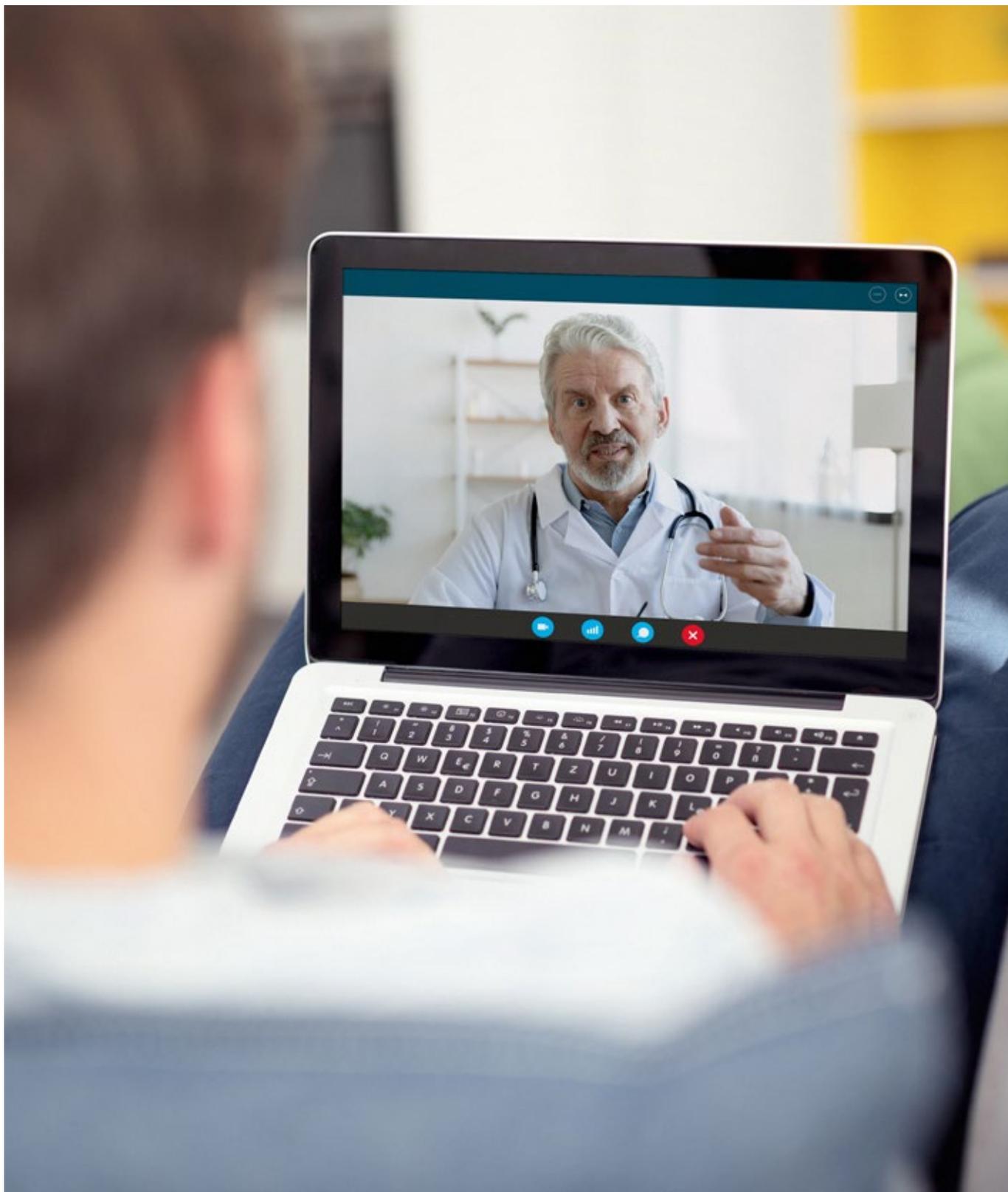
DOC

ano 12 | número 70 | www.doccontent.com.br

QUALIDADE DE VIDA
Saúde mental em perigo constante

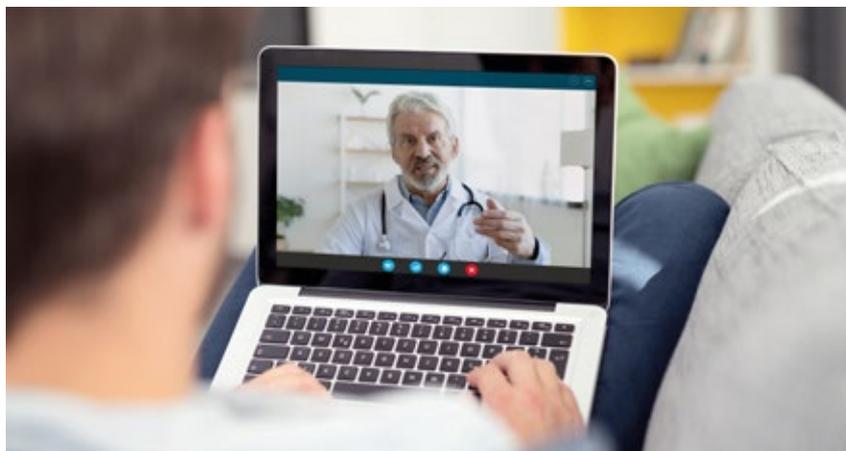
LISTA
5 dicas de como se fazer
presente “a distância”

GESTÃO EM SAÚDE



TELEMEDICINA: VOCÊ ESTÁ PREPARADO PARA O FUTURO?

12 **Capa** Telemedicina é uma realidade: o que esperar dela no futuro?



22 **Qualidade de vida** O impacto da pandemia na saúde mental dos médicos

04 **Conselho editorial**

05 **Editorial**

08 **The best of** Sociedades oferecem conteúdos on-line durante a pandemia

06 **Curtas**

20 **Lista** Como o médico fica mais próximo do paciente mesmo a distância?

7

Jurídico

A oportunidade de debater
a Telemedicina
*por Mayrinkellison Peres
Wanderley*

10

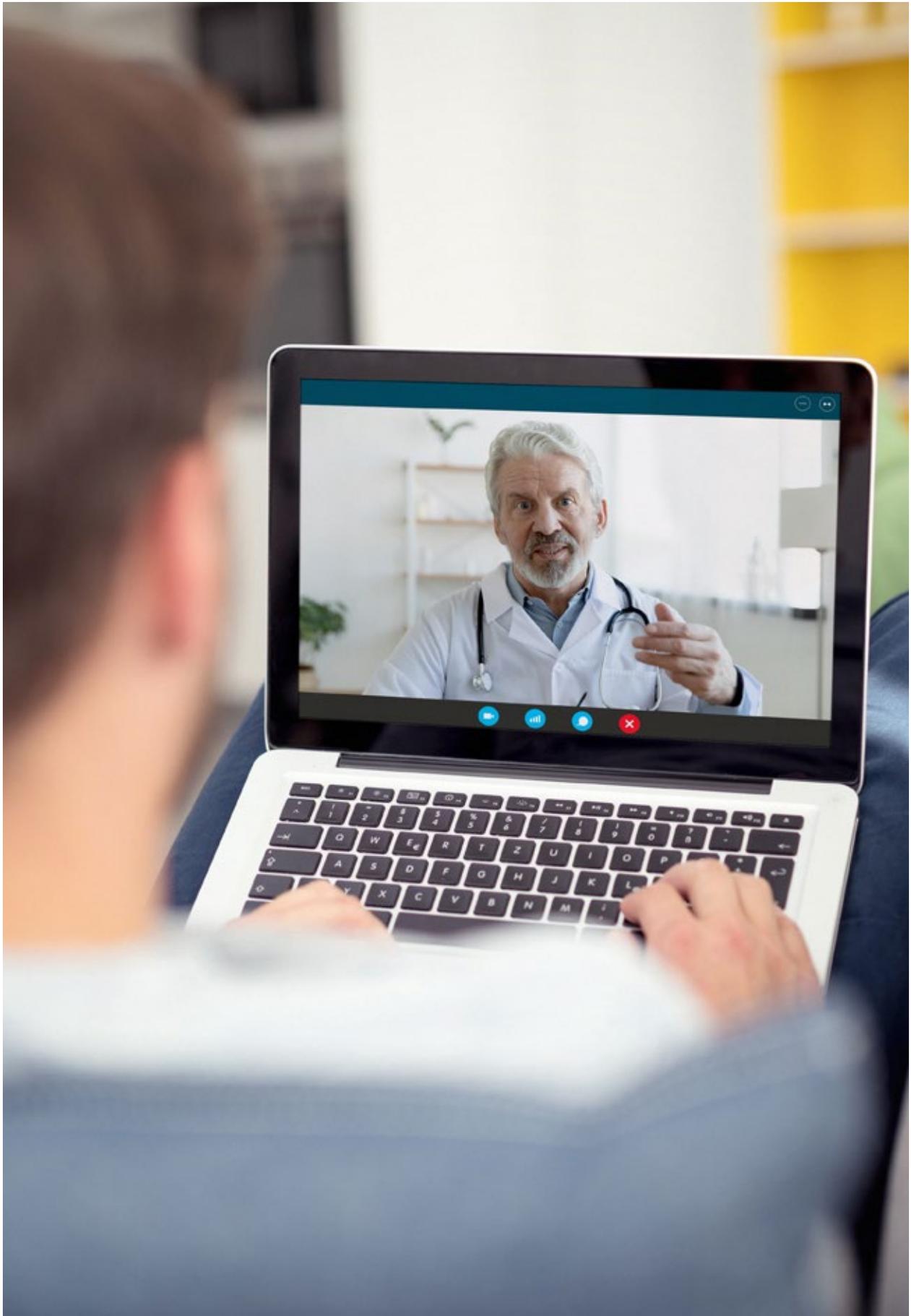
Marketing

A importância de se manter
na sua "versão beta"
por Alice Selles

26

Finanças

Planejamento para enfrentar
as turbulências
por Eduardo Regonha



Telemedicina: você está preparado para o futuro?

Em meio à pandemia de Covid-19, o uso da Telemedicina foi autorizado e regulamentado no Brasil. Seria esse um processo irreversível para o atendimento na Saúde? Ao que tudo indica, sim: o futuro, de repente, virou presente no dia a dia dos médicos



Você consegue imaginar uma vida sem celular? Para algumas pessoas, desapegar dessa e de outras tecnologias pode ser um processo fácil e prático. Mas a realidade é que o mundo está cada vez mais inserido nessa atmosfera e tudo funciona baseado nela. Desde o início do século XXI, com o avanço da internet, a sociedade vem explorando os recursos digitais, fomentando, principalmente, a comunicação. As ligações telefônicas deram espaço ao WhatsApp, bem como o Facebook e o Instagram se tornaram as principais plataformas de interação e registros audiovisuais.

Pensar nas relações contemporâneas, portanto, nos remete diretamente às alternativas que surgem, todos os dias, para intensificar essa troca de informações, encurtar distâncias e aproximar os indivíduos, sobretudo durante períodos de isolamento social, como o que vivemos em 2020, ocasionado pela pandemia de Covid-19. Quando analisamos sob a perspectiva do âmbito profissional, todas as carreiras precisaram se adaptar a esse novo contexto e se modernizar.

Ao falarmos de Saúde, especialmente na quarentena, é unânime e instantâneo: o que vem logo à mente é a Telemedicina, a metodologia de atendimento que tem sido amplamente discutida e estudada, mudando o exercício da Medicina no Brasil e no mundo. De acordo com o estudo *Global Summit Telemedicine & Digital Health 2020*, realizado pela Associação Paulista de Medicina (APM), com 2.258 médicos brasileiros, de 55 especialidades, antes mesmo da pandemia, 65,19% deles já utilizavam aplicativos de mensagem para interagir com seus pacientes fora das clínicas e hospitais.

Nesta edição, a **Revista DOC** conversou com alguns dos maiores especialistas nessa área para contar um pouco mais da história da Telemedicina e comentar quais são as projeções para ela pós-pandemia.

Dos Beatles à Telemedicina

Década de 1960: se o mundo vivia a Era Beatles e frequentava festivais como o de Woodstock, a Medicina se engajava na Telemedicina. Apesar de as discussões acerca do tema serem relativamente novas aqui no Brasil, esse método não é uma descoberta recente.

Segundo o professor Chao Lung Wen, chefe da disciplina de Telemedicina da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), a Telemedicina moderna surgiu há aproximadamente 60 anos, em um cenário de acontecimentos marcantes. “Ela surge em decorrência da Corrida Espacial e da Guerra Fria entre os Estados Unidos e a antiga União Soviética. Sua principal finalidade era o provimento de serviços de saúde de qualidade, usando os melhores recursos de eletrônica e de telecomunicação dos respectivos momentos históricos”, conta.

O especialista explica que os avanços da Telemedicina acompanham os avanços do universo tecnológico. “De início, era somente com voz; posteriormente, expandiu-se para o uso de imagens. A interatividade ganhou aceleração à medida em que os satélites de telecomunicação se tornaram mais potentes e com maior capacidade de transmissão de dados, concomitante ao aumento da capacidade de processamento computacional”, relata Wen.

Os primeiros registros da utilização de Telemedicina em terras brasileiras são do início da década de 1990. O presidente da Associação Brasileira de Telemedicina e Telessaúde (ABTms), Luiz Ary Messina, conta que diversas ideias foram pensadas para exercer esse método na época. “No início do milênio, alguns projetos foram bem estruturados pelo Governo Federal, com base em experiências existentes também em colaborações internacionais, como os projetos do Programa @LIS, da União Europeia com a América Latina. Em 2006, o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI) estabeleceu as condições para criação da Rede Universitária de Telemedicina (Rute), coordenada pela Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), com foco na conectividade e nas aplicações da Telemedicina em hospitais universitários e de ensino”, explica.



Telemedicina ao longo da história

Idade Média

Na Europa, por conta da Peste Negra, é registrado o primeiro caso de Telemedicina da história. Um médico se isola na margem de um rio para atender a distância os pacientes na margem oposta.

Século XIX

Com a invenção do telégrafo e do telefone, o envio de laudos de exames se torna realidade.

1910

Em Londres, SG Brown inventa o estetoscópio eletrônico, que transmite sinais por até 50 milhas.

Segunda Guerra Mundial (1939-1945)

Durante o conflito, rádios são utilizados para conectar médicos em diferentes lugares, trocando informações.

Década de 1960

É criado, na cidade de Norfolk, nos Estados Unidos, um sistema de comunicação entre hospitais. O sistema permite, ainda, a realização de videoconferências entre pacientes e familiares, que muitas vezes estão em lugares distantes.

Década de 1970

Surge a transmissão de dados para diagnósticos. Um exemplo é a criação de um serviço na Groenlândia para receber suporte de saúde de hospitais da Dinamarca.

Década de 1990

A Telemedicina brasileira começa a ser discutida nos setores público e privado. Com o aumento das redes digitais de serviços integrados (ISDN, do inglês *integrated services digital network*) no país, alguns projetos mais complexos podem ser implementados, como a videoconferência, utilizada pela primeira vez para atividades médicas.

1993

Criada a Associação Americana de Telemedicina (ATA), entidade pioneira do tema no mundo.

1994

A Telecardio, empresa especializada em eletrocardiogramas a distância, inicia suas atividades.

1995

O Instituto do Coração (InCor) institui o serviço ECG-Fax, que permite que eletrocardiogramas realizados em outros locais possam ser analisados pelos profissionais do InCor. No mesmo ano, a Rede Sarah institui um programa de videoconferências que une suas unidades na troca de informações clínicas.

1996

O InCor lança o programa ECG-Home, com o objetivo de monitorar pacientes em domicílio.

1997

A Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) cria o Hospital Virtual Brasileiro, e a Universidade de São Paulo (USP) é a primeira no país a instituir a Telemedicina como disciplina.

1998

Criada a Rede Nacional de Informações em Saúde (RNIS), e o InCor passa a oferecer o serviço de ECG pela internet. O Instituto do Coração do Triângulo (ICT) também dá os primeiros passos na Telessaúde e cria o próprio serviço de ECG a distância.

1999

O Hospital Sírio-Libanês inaugura a sala de teleconferências, e a Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) inaugura o próprio laboratório de Telemedicina, dentro do Centro de Informática em Saúde.

2002

Criados a Associação Brasileira de Telemedicina e Telessaúde (ABTms) e o Conselho Brasileiro de Telemedicina e Telessaúde. A resolução 1643/2002, do Conselho Federal de Medicina (CFM), define e disciplina a prestação de serviços por meio da Telemedicina.

2005

O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) insere a Telemedicina como parte do edital do programa Institutos do Milênio, criado para estimular a formação de redes de pesquisa entre laboratórios de todo o país. Como resultado, surge o projeto Estação Digital Médica, que une nove instituições com a finalidade de consolidar e ampliar a Telessaúde no Brasil.

2006

Surge o Projeto de Telemática e Telemedicina, fomentado pelo Ministério da Saúde, cujo foco é a atenção primária no país. Além disso, o ministério também implementa a Comissão Permanente de Telessaúde e o Comitê Executivo de Telessaúde. Outro marco deste ano é o projeto da Rede Universitária de Telemedicina (Rute), da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), que cria infraestrutura de videoconferências em hospitais universitários.

2007

Formalização do Programa Nacional de Telessaúde (portaria 35/2007, do Ministério da Saúde).

Da teoria à prática

Um dos principais questionamentos sobre a Telemedicina é de que forma ocorre seu desenvolvimento e como ele deve se manter alinhado à prática médica tradicional. De acordo com o oftalmologista Alexandre Taleb, doutor em Telemedicina e professor da disciplina na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (UFG), a Telemedicina não é uma ferramenta, mas uma nova maneira de construir uma relação com os pacientes.

“Defino a Telemedicina como um novo modo de cuidar. Do mesmo jeito que cuidamos dos nossos pacientes, clinicamente em alguns momentos ou cirurgicamente em outros, agora temos a opção de cuidar também virtualmente. A Telemedicina não é uma panaceia que resolve todos os problemas: ela é efetivamente um novo modo de cuidar, que utiliza várias ferramentas para ser feita, como os recursos de comunicação, de áudio e de vídeo, os prontuários eletrônicos, as ferramentas de captação de sinais vitais e as de segurança de identidade”, enumera.

Taleb ressalta que, por meio da Telemedicina, a área da Saúde já evoluiu bastante. “Com a Telemedicina, grandes conquistas foram possíveis: você consegue orientar cirurgias e até realizar determinados procedimentos a distância. Consegue examinar pacientes em áreas remotas. Consegue levar atendimento profissional especializado ou, às vezes, até superespecializado para áreas remotas, em que não haveria tal possibilidade sem que esse paciente tivesse que se deslocar até grandes centros”, reflete.

No dia a dia, Taleb explica que a Telemedicina engloba duas vertentes: a tele-educação e a teleassistência, e enaltece que elas são aperfeiçoadas à medida que novas tecnologias são desenvolvidas. “Com a tele-educação, você faz educação continuada, tanto de profissionais médicos ou de outras áreas da Saúde, quanto de pacientes. A teleassistência envolve a teleconsulta, a teleinterconsulta, os telemonitoramentos, o telediagnóstico e a teletriagem. A melhoria das tecnologias de comunicação e de informação ao longo do tempo, como o lançamento do primeiro *smartphone* em 2007, permite toda uma nova possibilidade

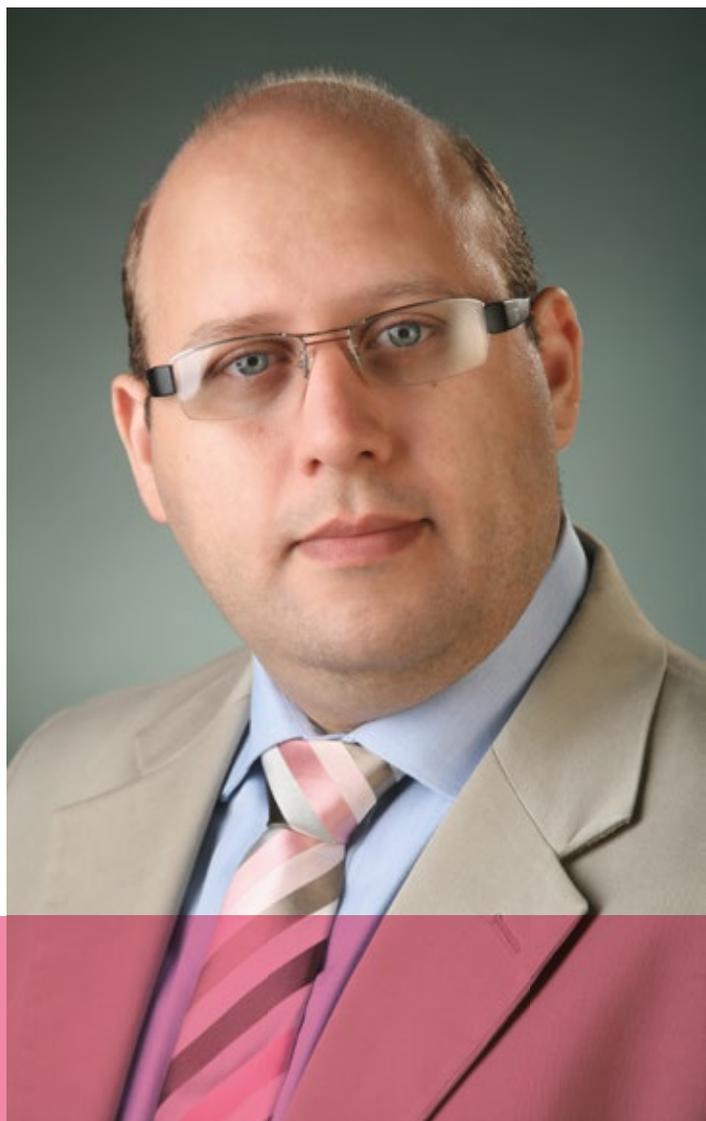
de aplicação dessas tecnologias na prática médica”, complementa.

Segundo o professor de Telemedicina da USP, Chao Lung Wen, houve um crescimento significativo na utilização dessa metodologia nos últimos meses. “No período da pandemia de Covid-19, tivemos um substancial aumento da demanda de serviços por Telemedicina. As instituições que ofereciam serviços médicos, como clínicas, operadoras de saúde, empresas e hospitais tiveram importante aumento de demanda, de pelo menos 200%. A maioria dos pacientes que utilizaram Telemedicina teve uma percepção positiva dessa modalidade de atendimento”, avalia.



Defino a Telemedicina como um novo modo de cuidar. Do mesmo jeito que cuidamos dos nossos pacientes, clinicamente em alguns momentos ou cirurgicamente em outros, agora temos a opção de cuidar também virtualmente”

Alexandre Taleb,
professor de
Telemedicina na
Universidade Federal de
Goiás (UFG)



Como o CFM vê a Telemedicina?

No último ano, a Telemedicina passou por várias mudanças no Brasil, e um dos principais responsáveis por isso é o Conselho Federal de Medicina (CFM). Em entrevista à **Revista DOC**, o primeiro vice-presidente do conselho, Donizetti Dimer Giamberardino Filho, compartilha a visão da entidade sobre o tema:



“A Telemedicina é um método propedêutico, no qual você exerce a Medicina por tecnologia digital. Toda a preocupação em torno dela está na segurança do ato praticado. Ainda é consenso que a consulta presencial é de valor ouro e que ela é a mais segura – desde que cumpridas todas as normas técnicas – para o paciente. Então, a meta é que a consulta a distância tenha a mesma segurança que a presencial.

Por ser considerada um ato médico, precisa ter um registro em seu prontuário. E aí temos a questão de que as mídias sociais são formas de comunicação e não caracterizam tal registro. Além disso, a consulta tem caráter de privacidade. Portanto, todas as informações do atendimento pertencem ao paciente, sob propriedade dele e do dever de guarda do hospital ou da instituição. Nesse sentido, há de se ter muito cuidado com a plataforma que será utilizada para essa comunicação.

A Medicina é uma profissão que se caracteriza por uma relação interpessoal. Por isso, a relação médico-paciente é o valor principal para os profissionais e não podemos permitir que isso se perca, porque, por meio dessa relação, é que se estabelece a confiança necessária para o atendimento médico.

Vejo que no país já temos várias situações consagradas e normatizadas em Telemedicina, como a Telecardiologia, a Telepatologia e os eletrocardiogramas, cujo laudo é dado a distância. O ponto mais polêmico é a teleconsulta. Precisamos estabelecer todos os limites desse tipo de consulta, visando à segurança do paciente e do ato médico.”



Glossário da Telemedicina*

Teleconsulta: consulta médica remota, com médico e paciente em diferentes espaços geográficos.

Telediagnóstico: emissão de laudo ou parecer de exames, com envio de imagens e dados pela internet.

Teleinterconsulta: troca de informações e opiniões entre médicos, com ou sem a presença do paciente.

Telecirurgia: procedimento feito por robô, manipulado por um médico que está em outro local.

Teleconferência: grupo de médicos que se reúne para receber e debater sobre imagens, dados e áudios.

Teletriagem: avaliação a distância de sintomas para direcionar o paciente ao tipo de assistência necessária.

Teleorientação: declaração para contratação ou adesão a plano de saúde.

Teleconsultoria: troca de informações entre médicos e gestores sobre procedimentos de saúde.

Telemonitoramento: avaliação da saúde do paciente a distância.

* De acordo com a resolução 2.227/2018 do CFM

Impacto na relação médico-paciente

A ideia de ser atendido por uma ligação de vídeo ou receber uma orientação médica por e-mail pode não agradar a alguns pacientes. Diante desse cenário, surge o questionamento: a Telemedicina pode interferir na relação médico-paciente? Para o professor Chao Lung Wen, essa metodologia pode potencializar a relação e melhorar a humanização da jornada de cuidados ao paciente. Da mesma forma, o oftalmologista Alexandre Taleb acredita que essa relação não é quebrada por tal método.

“Se tirarmos um pouco a Telemedicina do foco e pensarmos em quantas interações acontecem entre familiares a distância por meio dos aplicativos, quantos avós são capazes de ver e matar a saudade de seus netos, quantos pais com seus filhos, quantas pessoas com seus amores: não há ali uma redução de afinidade ou de afeto. O mesmo acontece na relação médico-paciente: ao ser mediada por tecnologia, o que importa é o que você coloca nessa relação e não a tecnologia que está no meio. Acho possível que isso seja até potencializado”, defende Taleb.

Donizetti Dimer Giamberardino Filho destaca que a “pessoalidade” é a essência da profissão e que o método tem que acrescentar essa característica na relação com o paciente. “Entendemos que, se você não tiver o seu médico, se você transformar essa figura em uma instituição, sem essa personalidade ou vínculo, você despersonaliza a relação, o que trará uma situação prejudicial à Medicina. A confiança estabelecida em uma relação interpessoal é um remédio excelente e muito necessário. Então, temos que trazer a Telemedicina como um método complementar e não como substituição de consulta presencial”, discorre.

Futuro pós-pandemia

É inegável que a Telemedicina transformou a prática médica, sobretudo em 2020, ano em que o mundo paralisou por conta da pandemia de Covid-19. Mas você já se perguntou qual é o futuro dessa metodologia? De acordo com o presidente da ABTms, Luiz Ary Messina, a Telemedicina está em plena expansão no Brasil e no mundo, sendo positivas as projeções para os próximos anos.

“As perspectivas são as mais abrangentes possíveis, para finalmente entrar na pauta das instituições e dos profissionais de Saúde, beneficiando todo o processo e, principalmente, facilitando a atenção ao paciente. Embora o momento de pandemia seja triste, agora é hora de todos experimentarem a modalidade e estarem alertas para a responsabilidade da ação a distância e para as precauções

“Embora o momento de pandemia seja triste, agora é hora de todos experimentarem a modalidade e estarem alertas para a responsabilidade da ação a distância e para as precauções necessárias”

Luiz Ary Messina, presidente da Associação Brasileira de Telemedicina e Telessaúde (ABTms)



Saiba mais



Como exercer a Telemedicina com pacientes da terceira idade? Acesse o link para o **PodDOC Especial** que realizamos com Rubens Fraga, membro da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG):

necessárias. É preciso ter atenção aos equipamentos, à conectividade, à capacitação, ao cumprimento da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), ao uso do termo de consentimento e à legislação e recomendações dos conselhos e associações de classe”, orienta Messina.

Já o primeiro vice-presidente do CFM enxerga esse momento como um fator disruptivo para a Telemedicina. “Muitas pessoas que tinham medo, receio ou preconceito com a Telemedicina, hoje, a utilizam. Então, acho que esse período de pandemia veio trazer a Telemedicina para uma realidade mais cotidiana. Apenas precisamos ter muita atenção para saber os limites da Telemedicina. Afinal, ela pode ser muito útil, mas não substituirá a presença do médico”, reforça Giamberardino Filho.

Para Chao Lung Wen, a Telemedicina é uma metodologia irreversível por conta da transformação digital da sociedade. “O que devemos esperar é que haja uma evolução contínua nos recursos tecnológicos, na regulamentação dessa metodologia e na definição dos aspectos de remuneração. Deverão surgir padrões de acreditação e certificação institucional em Telemedicina, assim como consolidação das ações de formação médica. Ela será incorporada na área médica como método adicional de atendimento, possibilitando o aumento da capacidade de atendimento aos pacientes”, acredita.



O que devemos esperar é que haja uma evolução contínua nos recursos tecnológicos, na regulamentação dessa metodologia e na definição dos aspectos de remuneração. Deverão surgir padrões de acreditação e certificação institucional em Telemedicina, assim como consolidação das ações de formação médica”

Chao Lung Wen,
professor de Telemedicina
da Universidade de São
Paulo (FMUSP)

O que mudou na TELEMEDICINA brasileira em 2020?

FEVEREIRO

6 – o Governo Federal decreta a lei 13.979, que dispõe sobre as medidas que poderão ser adotadas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do novo coronavírus.

13 – a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) emite a nota técnica 31, que informa sobre a possibilidade de utilização de assinatura digital em receituários de medicamentos sujeitos a controle especial.

MARÇO

19 – o Conselho Federal de Medicina (CFM) aprova o ofício 1756/2020, que reconhece a possibilidade de utilização da Telemedicina, em caráter excepcional, enquanto durar o combate à pandemia de Covid-19.

20 – o Ministério da Saúde aprova a portaria 467, que dispõe, em caráter excepcional e temporário, sobre as ações de Telemedicina, com o objetivo de regulamentar e operacionalizar as medidas de enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional.

30 – a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) emite a nota técnica 3/2020, que inclui o atendimento por Telessaúde na Terminologia Unificada da Saúde Suplementar (TUSS).

31 – a ANS emite a nota técnica 4/2020, com informações referentes à relação de prestadores e tomadores de serviços no combate ao coronavírus. No mesmo dia, a entidade emite a nota técnica 7/2020, que admite a cobrança pelas teleconsultas, sem que seja necessária qualquer alteração no *Rol de Procedimentos*, com cobertura obrigatória pelas operadoras de planos de saúde.

